

Eco – Uma Nova Grafia do Meu Nome ou Como Me Sinto uma Pessoa Trans¹

Ian Lofego Silveira - UFMG

PALAVRAS-CHAVE: Identidade | Biomitografia | Transgeneridade

Resumo

Neste ensaio, estabeleço conexões com as autoras Zora Hurston e Audre Lorde enquanto construo textualmente minha própria identidade e descrevo meu processo de escrita. A partir da narração recortada pelas categorias interseccionais da transgeneridade, da branquitude, da neurodivergência e da classe, dialogo com essas e outras autoras, desenvolvendo fluxos de consciência que se inspiram no gênero literário batizado por Lorde de biomitografia, qualificando o trabalho dentro da categoria de pastiche.

Abstract

In this essay, I establish connections with authors Zora Hurston and Audre Lorde while textually constructing my own identity and describing my writing process. Through narration shaped by the intersectional categories of transgender identity, whiteness, neurodivergence, and class, I engage in dialogue with these and other authors, developing streams of consciousness inspired by the literary genre termed biomythography by Lorde, qualifying the work within the category of pastiche.

KEY WORDS: Identity | Biomythography | Transgenderity

Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de dedicar este texto à minha amada Amanda, que me acompanhou nas aulas da disciplina *Introdução ao Pensamento da Antropóloga Negra Zora Neale Hurston* e nas conversas profundas que aconteceram depois delas. Agradeço às professoras Steffane, Rafaela e Nicole, que me apresentaram Zora Hurston e proporcionaram, na experiência desta disciplina, discussões importantíssimas que me marcaram tão intensamente quanto marcaram a história do curso de Ciências Sociais da UFMG. Agradeço aos colegas que compartilharam suas vivências na sala de aula nos

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024);

momentos em que não tive coragem de compartilhar as minhas. Outras pessoas que não podem ficar de fora dos agradecimentos são: Ana Sol e Alba (do curso de filosofia), Olliver (do curso de letras), Márin (da psicologia), Ícaro Nalu (das ciências sociais), Heliton (da química) e minha irmã (que ainda está no Ensino Médio) Íris. Agradeço também ao meu amigo Theodoro, que me forneceu fumo durante todo o processo de escrita. À todas essas pessoas com quem mantive interlocução e a todas as outras que leram, ouviram, apoiaram e incentivaram este trabalho: meus sinceros agradecimentos.

Aviso de gatilho: o texto menciona e discute tópicos relacionados ao suicídio e/ou ideação suicida.

Introdução

Este ensaio é profundamente inspirado em *Como eu me sinto uma pessoa de cor*² (HURSTON, 2021), artigo de 1928 da antropóloga, folclorista e (entre muitos outros títulos) romancista afro-americana, bem como no livro de 1982 *Zami: Uma nova grafia do meu nome: Uma Biomitografia* (2022), da também estadunidense, poetisa feminista negra Audre Lorde. O artigo de Hurston me instigou a fazer como a autora e refletir sobre minhas próprias percepções da opressão de forma poética e me ofereceu repertório pra pensar minha experiência em comparação com a dela. O livro de Lorde me abriu portas pra pensar minha escrita em comparação com a dela. Também me colocou em contato direto com a lesbianidade da autora, o que me provocou borbulhos internos de identificação. Durante a escrita deste texto eu, uma mulher trans, gênero fluido, lésbica, branca, de classe média-alta, bipolar, e por último, mas não menos importante, acriana do pé rachado, expus muito da minha vida tentando fazer sentido textual dos recortes interseccionais nos quais estamos, eu e as autoras com as quais dialogo, situadas.

Uma referência que não pode ser excluída da enorme lista de inspirações que me motivam a escrever este texto é a *youtuber* vídeo-ensaísta britânica que me apresentou à obra de Lorde, Abigail Thorn do canal *Philosophy Tube*. Em um de seus vídeos mais importantes: *Identidade: Uma História Sobre Sair do Armário como Trans*³ | *Philosophy Tube* ★⁴, Thorn dialoga com a obra de Lorde, compreendendo que se inspira em seus escritos, mas que, por existir uma distância intransponível entre a sua experiência de

² *How it feels to be colored me*

³ Em tradução livre do inglês: “Identity: A Trans Coming Out Story”

⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AITRzvm0Xtg>>

branquitude e a da autora com a negritude, não conseguia imaginar como seria para ela estar na pele de Lorde, mesmo que lendo os relatos em primeira mão no que ela denomina biomitografia. Thorn acaba encaminhando sua discussão para uma descrição em analogia dos processos de construção e estruturação da identidade trans. Eu encaminho a minha em uma imitação da escrita de Lorde, na tal biomitografia, que mistura mito, poesia e história de vida para sair de todas as caixinhas e constituir um novo gênero literário. É neste gênero que eu tento me inserir. Um dos motivos pra existência desse ensaio é, assim como o da *youtuber*, pra que eu possa me apresentar como pessoa trans para amigos, professores, e talvez até quem saiba, pros meus pais.

Assim como Zora Hurston nem sempre se sentiu uma pessoa de cor, eu nem sempre me senti uma pessoa trans. Entendi com a autora que as identidades surgem do contraste. E se ela se sente mais como pessoa de cor quando é “jogada contra um afiado cenário branco” (HURSTON, 2021, p. 5), eu também me sinto mais pessoa trans quando uma criança na rua aponta pra mim e pergunta pro pai espantada: “Papai, *aquilo* é um homem ou uma mulher??”. Se eu me sinto trans é porque esse Brasil que a gente vive é cisgênero pra uma porra.

Entre os milhares de brancos eu sou uma pedra escura que emerge, invadida por um mar cremoso. Eu sou invadida e varrida, mas no meio disso tudo, permaneço eu mesma. Quando coberta por água, eu sou; e o fluxo da maré me revela novamente. (HURSTON, p. 5)

Uso as palavras dela pra ajudar a pensar minha experiência. Não que seja a mesma coisa, é óbvio. Mas muito do que ela fala sobre ser negra ressoa em mim como se ela tivesse falando sobre ser trans. É como se eu pudesse apenas trocar umas palavras e as coisas continuariam fazendo sentido. Ela diz que: “Alguém sempre estará no meu cotovelo, lembrando-me que sou a neta de escravos.” (HURSTON, 2021, p. 4). Eu digo que sempre vai ter alguém errando meus pronomes, ou simplesmente me enxergando como um homem e me lembrando que eu sou trans, que eu não sou como eles e que eu não tenho a habilidade de passar despercebida entre pessoas cis. E mesmo se tivesse não seria diferente, porque mesmo as pessoas trans binárias mais preocupadas com isso que nós

chamamos de passabilidade ainda se defrontam com o seguinte tensionamento: não importa o quão próximo da cisgeneridade você consegue chegar, você sempre vai ser trans.

Voltando à Zora Hurston, que diz que não é tragicamente uma pessoa de cor: “Não, eu não lamento ao mundo - estou muito ocupada afiando minha faca de ostras.” (HURSTON, p. 3). Quando adentro meu ciclo social de pessoas trans universitárias, vejo elas fazendo movimentações estratégicas de construção de comunidade em coletivos, resgatando epistemologicamente autoras trans, travestis, não-binárias, agêneros e intersexo, organizando a universidade em torno de nossas exigências e muitas vezes pautando o debate a respeito, por exemplo, das cotas trans. Vejo que estamos muito ocupadas afiando nossas navalhas.

Um possível começo

Seria impossível que eu lesse Zora Hurston e não ficasse aficionada. Quando cheguei na primeira aula da disciplina de *Introdução ao Pensamento da Antropóloga Negra Zora Neale Hurston*, curiosamente ainda não sabia quem era a autora. Não foi por falta de oportunidade. Eu não caí na turma de paraquedas. Há meses que esperávamos, Amanda e eu, a matrícula nesta matéria que seria ministrada por nossas amigas do mestrado. Percebi, ainda naquela aula, que não pesquisar sobre a autora previamente havia sido uma escolha. Queria saber de Zora Hurston diretamente das professoras, construir minha imagem dela em sala. É também impossível saber como seria minha experiência de leitura se tivesse pesquisado antes. O que pode-se afirmar é que criei, de fato, uma relação parassocial com a autora, assim como todas as demais colegas criaram.

Uma relação parassocial é necessariamente majoritariamente unilateral. Constituída sempre à distância, esse tipo de interação é geralmente exemplificada como, mesmo que não exclusivamente, a relação entre um fã e um ídolo (HORTON, WOHL, 1956, BAYM, 2012 apud FERNANDES, 2017). Qualquer relação pode ser uma relação parassocial. Busco, nesse ensaio, desenvolver uma relação parassocial com você que lê (ou escuta), por exemplo. Tal qual Alice Walker (2021), que se identificou com Zora Hurston a ponto de sentir como se ela fosse sua tia, segui por um caminho de identificação com Hurston que me levou a enxergá-la como uma amiga mais velha e experiente. É diferente da relação parassocial que criei com Audre Lorde em quase um ano de leitura da sua biografia. Lorde já aparece mais como a irmã mais velha que eu nunca tive. O fato

dela, assim como eu, ser lésbica, é parte do que gera essa sensação de proximidade. Esses dias eu estava lendo um compilado de ensaios dela chamado *Irmã Outsider* (LORDE, 2019) e me chamou muita atenção o seguinte trecho de quando ela narrava sua viagem à Rússia Soviética.

Penso que há muitas coisas na Rússia que as pessoas, agora, consideram normais. Penso que acham normal que serviços médicos e hospitalares sejam gratuitos. Acham normal que as escolas e as universidades sejam gratuitas, assim como o pão de cada dia, até mesmo acompanhado de uma rosa ou duas, ainda que sem carne. Todos nós somos mais cegos relativamente ao que temos do que ao que não temos. (LORDE, 2019, p. 38).

Essa última frase dá o tom para o exercício de escrita deste ensaio. Acredito que consegui, através dele, enxergar aspectos da minha identidade que muitas vezes pareceram invisíveis. Minha branquitude é um exemplo disso. Foi em meio a conversas com a Amanda, minha namorada, uma mulher negra de pele clara que estuda branquitude que entendi que raça é uma categoria contextual, ou seja, depende do espaço em que você está inserida. E, no meu caso, percebi que sou uma pessoa branquíssima, a mais privilegiada segundo a classificação dos tipos de branquitude de Lia Schucman (2020), representada por pessoas brancas e ricas de origem europeia. Cheguei a essa conclusão (um tanto quanto óbvia) quando me toquei de que, mesmo tendo morado por alguns meses no bastião do colonialismo, imperialismo e racismo, a tão conservadora e retrógrada Inglaterra⁵, em nenhum momento que estive lá me questionei sobre minha própria raça. Em nenhum momento senti que sofri racismo, seja no Brasil ou na Europa⁶. Não que ter sofrido racismo seja o ponto que defina a raça de alguém. Mas acredito que se não precisei pensar sobre isso até então é porque a estrutura racista me beneficia. Isso me gerava bastante angústia e culpa quando comecei este ensaio.

Passados alguns meses dos escritos que se seguem nos próximos capítulos, entendo que quase toda a culpa foi digerida no processo poético da escrita. Minha culpa se transformou lentamente. Foi liberando espaço pro interesse, pra curiosidade, pro diálogo, pra intimidade, pro pensar e pro agir. Mas no final, pouco antes de se esvaír em memórias passageiras, catei um pouco da culpa do canto da parede branca, com minhas mãos mal lavadas, e coloquei num potinho de vidro transparente com um rótulo colado no qual está escrito “ensaio”. É neste texto, que eventualmente será publicado, que armazeno essa lembrança de um tempo em que precisei sentir culpa pra poder falar sobre mim.

⁵ Escrevo aqui sem a letra maiúscula propositalmente, assim como Lorde em sua biografia.

⁶ Idem.

Um monólogo e algumas músicas em uma noite de novembro

No final de uma segunda-feira calorenta e cansativa eu me sento no escritório/estúdio de música da casa dos meus pais em chamada virtual com a Amanda pra escrever essa parte do ensaio. Com o refrão de *Madrugada Maldita*⁷ (FBC, 2023) do FBC tocando no fundo, vou me lembrando da conversa que tive com minha irmã⁸ tipo uma hora e meia atrás. Acho que não dá pra chamar bem de uma conversa. Foi mais um monólogo. O que eu podia fazer? Eu tava chapada. Ela também... Não é sempre que ela fuma, sabe? Nem é sempre que a gente conversa. Não dá pra chamar a nossa relação de fácil. Não é horrível também, definitivamente. É ambígua. Como a Amanda gosta de dizer: é meio *mixed feelings*.

Eu não era muito legal com ela quando a gente era criança. Com o tempo isso passou, um pouco, eu acho. Eu ainda me culpo. A realidade é que eu me culpo muito por muitas coisas. Eu não sei bem por quê. Essa culpa é parte do que me faz escrever esse texto. Não a culpa por ter sido escrota com a Íris por anos. É uma outra culpa que tem mais a ver com a experiência de opressão e interseccionalidade. Essa ideia da culpa volta daqui a pouco. O que importa de fato nessa parte do texto é dizer que ela é trans... E eu também.

Vai Ian, fala aí como é ser trans. Me conta. Eu quero saber. Me conta quais são seus pronomes. Ela/dela? Poxa, aí você complicou. E seu gênero? Ihhhhh... Acho que ela teve uma crise existencial tão forte que bugou. Olha ela travada. Será que usou droga? Ah, isso é certeza. Mas será que dessa vez ela volta?

Online por aí
Madrugada maldita⁹
(FBC, 2023)

É... *Acho* que voltei. Gênero fluido serve? Cabe na sua concepção de gênero? Ou eu sou louca? EU *SOU* LOUCA. Isso eu sou. Assumo e reivindico sem nenhum pudor. Quer laudo? Eu tenho. Quer sintoma? Toma. Esse ensaio é sintoma. Minha vida é sintoma. E no ponto do capitalismo que a gente chegou a sua também já deve ser. Eu fui diagnosticada com transtorno bipolar misto em 2021 pouco antes ou pouco depois de um surto psicótico. Não sei dizer quando, não me lembro direito. Sinceramente eu não consigo

⁷ Liguei até o *repeat*.

⁸ Parei a escrita pra perguntar pra ela se podia escrever sobre nossa conversa.

⁹ Trecho do refrão da música do músico FBC.

entender porque eu ainda não me matei. Na real é bem óbvio. Meus pais, no Acre, onde eu nasci e eles moram, são professores universitários. Não que eu me orgulhe disso. (Olha a culpa aparecendo devagarinho, como o rastejar de uma lesma). Enquanto concursados desde antes do meu nascimento (e do da minha irmã, que é mais nova), eles têm dinheiro o bastante pra pagar os remédios que eu tomo todos os dias desde antes dos meus 16 anos, e que provavelmente vou continuar tomando até falecer curiosamente e subitamente aos 27.

Minha morte, nesse cenário, vai entrar pros livros de história: serei conhecida eternamente como a primeira pessoa a morrer de overdose de maconha. Mais do que uma morte histórica, ela será, com profundo cuidado, forjada. E vocês vão poder me encontrar, se quiserem, numa casinha com quintal agroecológico em alguma cidadezinha do interior do Acre, onde estarei usando algum pseudônimo pra continuar minha interlocução e pesquisa com povos e comunidades tradicionais, tarefa essa que eu não vou conseguir parar nem quando tiver enterrada a sete palmos. Mentira, quero ser cremada.

Terminei a chamada com a Amanda. Não passou nem cinco minutos e um cigarro e eu já mandei mensagem pra todo mundo procurando alguém pra conversar. Às vezes me sinto incapaz de ficar sozinha. E fica mais complicado quando todo mundo tá dormindo porque estamos em uma Madrugada maldita, madrugada. O John me respondeu. Fiquei literalmente umas duas horas compondo uma música em chamada com o John pro Festival Autoral da Música Universitária que vai acontecer no dia 22 de novembro de 2023, na arena da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, o prédio onde são dadas as aulas de um curso de Ciências Sociais que existe desde 1941 (Mourão, 2008), momento em que Zora Hurston ainda vivia e escrevia. Escrevia? Escrever, com certeza ela escrevia. Mas será que ainda publicava? Pesquisei na página da Wikipédia em português pra ver se achava as datas de publicação dos seus textos. Me deparo com, em destaque, a frase em sua lápide: “Zora Neale Hurston - **GêniO** do Sul - Escritora, folclorista e antropóloga - 1901-1960”. Como assim gênio? Com “O”. Dessa frase, o “O” me incomoda, por um motivo óbvio. Paro e pesquiso no maldito oráculo digital e sequestrador de dados preferido de todo mundo se a palavra gênio existe.

Pera. Ela não existe? Acho que esse ato falho fala muito sobre mim. Sobre como eu tento ser militada e acabo sendo idiota. Parei de escrever pra cantar outra música do FBC, Se Eu Não Te Cantar (2019), como que num caraoquê, dançando com meu fone que

fica falhando um dos lados. Fiz isso pra treinar a voz pro show no festival (alguns dias depois de escrever essa parte descobri que a comissão avaliadora não aceitou a inscrição da nossa banda trans). Foi uma das coisas que minha irmã me disse antes de eu entrar naquele monólogo com ela. Treinar abrir mais a voz. Tá faltando isso mesmo. Da música do FBC fui direto pra música sobre ser trans que vou apresentar no show. Eu coloquei muito de mim na tradução dessa música, sabe? Acho que todo mundo sempre coloca um pouquinho de si em tudo que faz. Pode ser desde um pão com ovo que você prepara no café até uma tese de doutorado em culinária que você deixou no forno por tempo demais e acabou te dando um *burnout*.

Mas é claro que mesmo que eu tivesse esse comentário pronto no meio da aula eu ainda não ia conseguir falar, porque minha mente me convence de que tudo que eu poderia expressar em sala de aula é redundante pros colegas. Eu ainda nem comecei a ler o livro da Conceição Evaristo. Será que eu não deveria esperar pra publicar esse ensaio depois que tiver bagagem pra conseguir relacionar minha escrita com o conceito de escrevivência? Eu ainda nem consegui terminar de ler o texto da Donna Haraway. Será que eu realmente entendi sobre a corporificação da construção do conhecimento? Bom, eu tô tentando. Esse ensaio é minha tentativa. A tradução dessa música também. A música original da qual vem a tradução que fiz se chama *Sweet Cis Teen*¹⁰ da banda estadunidense *Dazey and the Scouts*¹¹. Acho ela linda em inglês. Não que eu odeie minha versão abrigada. Só não costumo adorar o que eu escrevo. Descobri essa banda aleatoriamente no final do mês passado, voltando de ônibus da casa da Amanda pra minha. Ainda no ônibus comecei a esboçar uma adaptação. A única coisa que me incomoda na música original é que, no finalzinho da gravação, os instrumentos estão tão altos que impedem que escutemos a voz linda de Otto Klammer declamando a poesia ou o monólogo (você decide) que motivou a tradução da música inteira, e me fez preparar loucamente uma apresentação no final do semestre com menos de um mês de antecedência (que acabou nem acontecendo). Enfim, você quer ver?

[...]

Ser trans é segurar seu próprio caixão
Carregar o peso do defunto nas costas

¹⁰ “Doce adolescente cis” em tradução livre.

¹¹ “Deise e as escoteiras” em tradução livre.

Ainda que meu gênero
Pudesse falar
Ele ficaria escondido no canto da sala
Tentando ficar em silêncio

É aprender a juntar meus pedacinhos
Codificando eles em uma língua
Na qual eu não sou excluída

Se meu gênero pudesse ser vendido
Ele não caberia na sua publi

Se meu gênero acessasse a internet
Ele ficaria horas no Youtube

Se meu gênero pudesse fumar
Ele fumaria compulsivamente

Se meu gênero tivesse olhos
Ele ia te encarar fixamente

Se meu gênero tivesse força
Ele esfregaria seu rosto no asfalto

Se meu gênero tivesse braços
Eles se esticariam
E apontariam pra cada uma das festas
pras quais não me convidaram
Como quando, na segunda onda
lutamos pela igualdade de gênero
E limitamos o número em dois

Se meu gênero tivesse pés
Ele ia disparar
E ultrapassar todo progresso
que tem feito o feminismo
Toda a porra do progresso
que o feminismo transfóbico tem feito

E ainda bem que ele tem
Que ele tem tudo isso
Porque ainda que
Exista corpo sem gênero

Onde toda expressão é drag
Não existe gênero sem corpo
(Dazey and the Scouts, 2017)¹²

Interlúdio

Boa noite. Me encontro dessa vez na casa da Amanda, mas no momento ela dorme. Me sinto tensa, cansada e enquanto minha testa pinga de suor devido a essa maldita onda de calor, começo a escrever a continuação do ensaio. Como voltar pra aquele estado em que eu me encontrava no último trecho? Se eu ao menos tivesse maconha, talvez rolasse. Mas dessa vez não tem, não tenho dinheiro pra comprar mais. Ah, o dinheiro. Como pode, né? Um pedaço de papel, ou, no caso da nossa geração, números em uma tela que podem literalmente te comprar tranquilidade. Pra mim, maconha é tranquilidade, mas vou deixar pra aprofundar isso em outro texto. O último trecho eu escrevi num transe. Será que foi um transe? Não sei dizer o que é um transe. Nem o que foi aquilo que senti. Só lembro de fumar muita maconha e ter toda a criatividade do mundo. Naquele dia a emoção foi tanta que eu não dormi. Levantei da cadeira, tomei banho e fui pra universidade integralizar uns créditos. Mostrei o que havia escrito para algumas pessoas. Sei que me esforcei muito pra fazer um bom trabalho, mas é sempre como se eu não merecesse o resultado. Síndrome da Impostora? Talvez. Mas também é difícil aceitar que as pessoas gostem do que eu fiz quando só eu enxergo o tamanho dos privilégios que me trouxeram até aqui.

Notas sobre Interseccionalidade e Pastiche

No momento que escrevo essa parte, já finalizei meu texto e submeti ele como ensaio na Revista Três [...] Pontos, a revista do meu curso. A leitura dos pareceres não foi fácil. Não que houvessem muitas críticas negativas também. Mas sempre que parava pra ler, sentia medo. O que essas leitoras experientes pensariam de mim depois que me desnudei em poesia? Mas, com alguns dias de digestão, consigo compreender o que me foi dito.

Aprendi com Patricia Hill Collins e Sirma Bilge, no livro Interseccionalidade (2021), sobre o conceito complexo que dá título ao livro e que será brevemente

¹² Tradução livre minha.

mencionado mais à frente. De forma simplificada, a interseccionalidade é às vezes entendida como uma “[...] lente vital para a explorar como as desigualdades de raça, classe, gênero, sexualidade, idade, capacidades e etnia se moldam mutuamente [...]” (COLLINS; BILGE, 2021, p. 4). Ou como uma área de estudo que “[...] investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais da vida cotidiana [...]” e “[...] uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas” (COLLINS; BILGE, 2021, p. 16).

Mas é claro que a noção da interseccionalidade também não se limita a demonstrar que “apesar de geralmente invisíveis, essas relações interseccionais de poder afetam todos os aspectos do convívio social” (COLLINS; BILGE, 2021, p. 17). Esse conceito foi estruturado com esse nome pelas ativistas mulheres negras estadunidenses das décadas de 1960 e 1970 como ferramenta analítica em resposta aos desafios da discriminação que autoras como Zora Hurston encontraram por serem mulheres dentro do movimento negro e negras dentro do movimento feminista, ou como Audre Lorde, que era discriminada por ser lésbica dentro de ambos os espaços.

Essa descrição bem resumida do conceito de interseccionalidade serve, então, pra instigar a audiência interessada em se aprofundar no assunto e pra que eu pudesse deixar claro que esse texto tem mais a intenção de ser um tipo de divulgação científica das autoras que mobilizo do que a pretensão de ser um texto super teórico e aprofundado. Consigo imaginar pessoas trans dos primeiros períodos das ciências sociais na UFMG encontrando casualmente um exemplar do Dossiê Zora Hurston, publicado pela Revista Três (...) Pontos, no Centro Acadêmico de Ciências Sociais e se interessando pelo título do ensaio. E se eu tiver feito meu trabalho direito talvez alguém anote os nomes Audre Lorde e Zora Hurston no caderno depois da leitura.

Descobri o que era um pastiche, e um pouco depois, que estava fazendo um, quando li o começo do ensaio *Fora de Contexto: As Ficções Persuasivas da Antropologia* (2013) de Marilyn Strathern na disciplina Introdução ao Pensamento da Antropóloga Negra Zora Neale Hurston. Confesso que não progredi muito na leitura desse texto, mas, no comecinho, que foi a parte que li, a autora repete muitas vezes essa palavra: pastiche.

Veze o suficiente pra que eu pesquisasse o significado na internet e me tocasse de que era isso que eu estava fazendo.

Esse texto que você lê imita e é inspirado pela prosa poética da biomitografia de Audre Lorde. A sensação que tenho é de que o contato com o gênero biomitográfico foi o que me permitiu expressar textualmente a construção da minha identidade: uma ideia não tão fácil de realizar quanto eu pensava que seria quando comecei a gesta-la. Se tivesse que comparar, diria que escrever sobre mim mesma foi como tomar ácido e me olhar no espelho. Será que você, leitora, entende como é essa sensação?

O Lugar Onde Nasci

“Assim como as rochas frias que parecem mortas, eu tenho memórias internas que vieram do material do qual eu sou feita. Tempo e lugar tiveram o seu dizer.” (Hurston, 2021, pg. 55)

Bom, muita coisa aconteceu desde que eu escrevi o último parágrafo. Muitas conversas rolaram. Mostrei o que escrevi pra várias amigas. Ninguém disse que tava ruim. Na verdade, só me elogiaram. Não sei lidar bem com elogios. Geralmente eu rio ou tento justificar de alguma forma. Que nem quando comentam que minha roupa tá bonita e eu digo que comprei no brechó por cinco reais. Esse ensaio acabou servindo um pouco pra isso. Uma forma de lidar e ressignificar tanto a minha culpa (aquela culpa), como um jeito de dizer pra todo mundo que se algo no que eu tô escrevendo te toca, é porque um tantão de coisa aconteceu até eu chegar aqui. O que me impede de falar tudo de uma vez é não saber nem por onde começar. E se a gente voltasse pro início?

Tem essa passagem da autobiografia da Zora Hurston que se chama *O Lugar Onde Nasci* (2021). Lá ela conta sobre Eatonville e a experiência de ter vivido em uma cidade completamente negra em um país racista como são os estados unidos. Leio esse texto pensando no Acre. Ah, a minha terrinha distante. Como é igual, mas como é diferente também. Em Rio Branco, essa capital interiorana cortada pelo Rio Acre, que divide a cidade em primeiro e segundo distrito, praticamente não existem ladeiras. Contrasta bastante com o terreno de Belo Horizonte, essa outra capital com cara de roça que não me deixa dormir.

Rio Branco começa como cidade na Gameleira, uma árvore enorme na beira do rio que serviu de âncora para uma embarcação em algum momento da história. Tem muita história recente de sangue, suor, luta e assassinato no meu Acre. A história de Chico Mendes é uma delas. Me recuso a pesquisar sobre a história dele pra esse ensaio. Quero relatar o que eu imagino: uma mistura do que foi de fato, do que me contaram que foi e do que eu extrapolo e adapto pra minha realidade. Chico era um menino, um pequeno seringueiro que vivia na pele a exploração que as casas de borracha e os seringalistas impunham aos seus pais. Um dia, andando pela floresta, Chico encontra um senhor chamado Euclides Távora, um foragido político, comunista, tentando viver e sobreviver naquelas mesmas matas. Chico e Euclides criaram uma relação quase que de aluno e professor, mas que provavelmente era muito mais horizontal do que isso. O pequeno Chico escutava notícias da BBC com Euclides e eles discutiam o estado do mundo, a política, as injustiças e as possibilidades de luta.

Chico Mendes cresceu pra ser um exímio organizador. Montou o sindicato dos seringueiros, batalhou até o último instante pra que a floresta continuasse em pé. E no fim foi assassinado pelos fazendeiros amantes do som das serras-elétricas encontrando a madeira viva. Mas não vejo esse como o final da história. Depois da morte de Chico, e em certo sentido em decorrência dela, algumas reservas extrativistas foram criadas e alguns seringueiros e castanheiros conquistaram a garantia do seu direito constitucional ao território. Eu nasci depois disso. Quando eu era bem bebezinha, minha mãe me levava pra dar voltas de bicicleta pelo Parque Chico Mendes, um parque e zoológico que fica do lado da Chácara do Carapanã, onde me entendi por gente. Minha infância foi realmente mágica. No entorno da miríade de simbologias contra-hegemônicas construídas pelos meus pais, esse casal hetero consistido por duas pessoas brancas e ricas da esquerda social-democrata, minha identidade foi se moldando. Criados na zona sul do Rio de Janeiro e migrados para o Acre por causa das oportunidades no meio acadêmico, meus pais constituíram uma família que já era planejada e incentivada desde antes deles nascerem. Mas Rio Branco nunca foi a zona sul do Rio que eles viveram.

Eles nunca me introduziram numa religião, coisa que, hoje em dia, curiosamente me faz falta. Ainda no meu maternal do colégio eles perceberam que as professoras colocavam as crianças para rezar. Isso fez com que eles me mudassem de um colégio supostamente laico, mas que colocava as crianças para rezarem, para outro do mesmo tipo.

Me lembro de perguntar pra eles o que deveria fazer nos momentos de oração em sala de aula. Eles me responderam que eu podia fazer o que quisesse. Que não precisava rezar se não estivesse à vontade. Aí uma vez eu não rezei e o colega do lado me perguntou o que diabos eu tava fazendo...

Bom, tudo isso é pra dizer que, por mais que eles tentassem me dar uma educação diferente do que haviam recebido, Rio Branco ia continuar sendo a cidade cisheteronormativa, fervorosamente religiosa, e mais recentemente, profundamente bolsonarista, que ela de fato é. Não que Belo Horizonte seja tão diferente assim. Mas aqui eu pelo menos me encontrei. No meu terceiro ano do Ensino Médio, joguei por algumas semanas esse jogo chamado *Night in The Woods* (Noite na Floresta), que tem essa personagem que acabou de largar a faculdade e retornar pra sua cidade natal. Uma música desse jogo ainda ressoa em mim quando lembro da sensação de morar em Rio Branco.

[...]

Eu só quero morrer
Em qualquer outro lugar
Ah, se eu pudesse morrer
Em qualquer outro lugar
Venha comigo e vamos morrer
Em qualquer outro lugar
Em qualquer outro lugar
Só não aqui¹³
(Alec Holowka¹⁴, 2017)

Meu terceiro ano foi um lixo. Eu só queria não morrer ali. E eu quase morri. Estudar numa escola cara e careta não ajudava. Na verdade, só piorava tudo. Me lembro da sensação de estar presa. De olhar pela janela nos corredores desconfortáveis e imaginar o mundo lá fora. Se seria realmente tudo isso quando eu saísse. Ou se valia mais acabar logo com o sofrimento que ali era tão forte. É engraçado como que hoje, em Minas Gerais, meu

¹³Tradução livre de:

I just wanna die anywhere else
If only I could die anywhere else
So come with me let's die anywhere else
Anywhere, just not here

¹⁴ Durante a revisão do texto para uma tentativa de publicação, me deparei com uma informação tensa e importante: o criador do jogo que eu acabei de citar se suicidou depois de ter sido acusado de assédio sexual. Não me proponho a julgar o que aconteceu ou comentar em cima. Apenas deixo claro que não sabia do ocorrido quando passei pela música no fluxo de consciência. Para fins de manter a linha de raciocínio, optei por continuar com a citação.

maior sonho seja voltar pro Acre. São muitas memórias, muitos traumas, mas muitas alegrias também. E muita luta que ainda precisa ser feita. Sonho com ser uma das primeiras professoras trans da UFAC. Sonho em dar aula sobre as coisas que tenho pesquisado atualmente. Quem sabe uma oficina de biomitografia no futuro? Nossa, acho que entendi algo sobre biomitografia. Eu podia ficar horas (como eu bem fiz) citando o que esse ensaio é. Mas seria interminável, porque a vida é muito mais complexa do que se pode definir num texto. Não importa a quantidade de prefixos que eu use pra tentar. Bio-mitografia? Auto-etno-grafia? Bio-mito-auto-etno-grafia? É a narrativa da minha vida. Contada por mim do meu jeito e no meu ritmo. Até demais inspirada na Audre Lorde e na sua maravilhosa e sensivelmente relatada biomitografia.

Lorde escreve em seu próprio gênero literário, porque sente que os outros não são suficientes para descrevê-la. Eu escrevo no dela, porque ainda não consegui achar minha forma de escrever. Só sei que meu jeito é uma bagunça. Ai, mas como eu amo a minha bagunça. Meu quarto, por exemplo, é uma (por mais que eu o arrume). Um emaranhado de anotações de terapia de quatro anos atrás, quando ainda fazia a cognitivo comportamental misturado com cadernos de desenho e escrita que contêm as minhas entranhas e pensamentos suicidas de momentos alternados em que tive ânimo pra escrever. Se eu revirasse esses cadernos, talvez tirasse uns bons poeminhas para pincelar durante a escrita. Como um sobre a não-binariedade que escrevi quando era apenas uma bebê de 16 anos e ainda estava presa naquele colégio escroto que eu sempre revisito nos meus sonhos recorrentes com a escola. Recitei esse poema hoje numa conversa profunda com a Márin, essa amiga também trans, branca e lésbica que conheci na FAFICH e que participou da reunião da Coletiva Cintura Fina (o coletivo de pessoas trans, travesti, não-binárias, agêneras e intersexo da UFMG) comigo hoje.

Menino-Menina

Mas é menino ou menina?
Menino-Menina
Mais menino ou mais menina?
Mais menina
Mas... Menino?
Menino, mas menina

Ah, a transgeneridade. Complicada ela, né? Mas é mais simples do que muita coisa que acontece na vida. Hoje, ser trans pra mim parece claro como a luz do CACS (Centro Acadêmico de Ciências Sociais da UFMG) quando tá tudo apagado e alguém a acende de repente. Mas nem sempre foi assim. Já foi confuso o bastante pra que eu não só considerasse, como tentasse um tipo de “destransição” que falhou miseravelmente no primeiro dia. Às vezes parece que ser trans (e conseqüentemente, ou nem tanto assim, lésbica) é minha única fonte de opressão. Certamente não é. Eu sou bipolar também. Mas isso você já sabe e não vem bem ao caso agora. O que eu quero dizer é que, mesmo sabendo que não se deve hierarquizar as opressões e que cada vivência é única e recortada por milhares de intersecções interseccionais, algo dentro de mim ainda faz com que eu olhe pra minha amiga Ana Sol, que é travesti e negra e periférica, e me sinta o cúmulo dos privilégios sendo eu uma trans, branca, que estudou em escola particular a vida inteira e que sempre teve a opção de pedir um uber moto pra casa quando ia ficando tarde demais na faculdade.

Mas será que sou mesmo esse saco de privilégios? E será que isso importa? Pra mim isso importa. Dois caminhos me levam pra importância de demarcar meus privilégios nesse ensaio. O primeiro deles é aquela pura e simples culpa. Me sinto um lixo por ser tataraneta daqueles que um dia escravizaram outras pessoas. Me sinto um cu por enxergar essas pessoas, que são tão incríveis quanto eu jamais poderia ser, sofrendo epistemicídio precoce porque não recebem mesada dos pais pra trabalhar de graça nos projetos de extensão quando não existem bolsas disponíveis. Me sinto pior ainda por ser branca e não saber falar suficientemente sobre branquitude. Pra falar a verdade, até a Amanda, minha namorada, entrar na matéria dela sobre branquitude, eu não entendia muita coisa sobre a minha raça. Ser branca pra mim ainda é praticamente só compreender que meus ancestrais racistas que jamais se achariam racistas ou parariam pra pensar sobre isso não só não contribuíram para a luta antirracista, como se recusaram discutir a pauta pra manter seus privilégios.

Faltando dias pra entrega de mais uma versão deste ensaio, finalmente entro em contato com o livro *O Pacto da Branquitude* de Cida Bento (2022), que destrincha as formas que as pessoas brancas encontraram pra permanecer nos espaços de poder nas instituições privadas, públicas e da sociedade civil. O pacto narcísico que dá nome ao livro funciona de maneira a invisibilizar e silenciar a população negra enquanto os brancos continuam acreditando que existe meritocracia. Ser branca pra mim foi ter convivido

majoritariamente com pessoas brancas até entrar na universidade. A universidade mudou tudo. Foi lá que fiz amigos de verdade, que formei um relacionamento amoroso e monogâmico e que me descobri enquanto eu. Muitos desses amigos que fiz são pessoas negras. Não quero escorregar na desculpa esfarrapada de “Ah, é claro que não sou racista. Tenho até amigos que são negros”. Mas, com a oportunidade de conversar com essas pessoas, surgiram questionamentos em mim que eu não teria sem a interlocução delas.

A já citada Lia Schucman afirma em entrevista¹⁵ que é por meio da construção de relações não hierarquizadas com pessoas negras que é possível, para pessoas brancas, adquirirem letramento racial. Entendo, assim, que se não fossem meus amigos, esse ensaio nem seria possível. Se não fossem as conversas que tive com a Sol, a Alba, a Olli, o Ícaro, a Amanda, entre muitos outros, outras, outres, nunca teria chegado perto de escrever algo que merecesse ser lido. Hoje, no CACS, os mais jovens no curso me têm como uma referência (????). Não gosto disso. Sou entusiasta da frase pixada na parede: “Não cultue cientistas sociais”. Mas meio que eu fiz isso acontecer, né? Quem mandou ficar trocando ideia sobre antropologia e etnografia no CACS? Eu só não consigo desligar o “modo trabalho”. O Vinícius, do mestrado em arqueologia, já não aguenta mais. Sempre que a gente encontra eu tô falando de interseccionalidade. Coisa chata. Fritou o cérebro lendo chapada e agora tá assim. Mas acho que isso é parte do que eu sou. Tudo isso. A transgeneridade, a bipolaridade, a branquitude, a riqueza, a maconha, a poesia, o desejo de vida e o desejo da morte. Decidi escrever em parágrafos contínuos, e quebrar só quando me interessasse por causa disso. Porque a identidade é complexa, misturada e acima de tudo, construída. Não é uma só coisa.

Assim como Grada Kilomba (2019, apud PEREIRA DA SILVA SARAIVA, 2022) afirma que, no contexto das mulheres negras, gênero e raça estão interconectados no que ela chama de racismo genderizado, diferenciando as formas de opressão experienciadas por essas pessoas das vivências dos homens negros e das mulheres brancas, acredito que nunca vou conseguir me definir enquanto trans sem falar de todas as outras identidades que me compõem enquanto sujeito. Nunca vou conseguir dizer como me sinto sendo trans sem falar de como me sinto sendo eu. E é isso que esse ensaio é. Uma parte de mim codificada em texto. Uma parte que não começa aqui, mas que também não termina. No final, é tudo rio. Como eu tenho gostado de dizer nas últimas semanas: é fluido. Que nem meu gênero, atualmente. E que nem o butano do meu isqueiro. Me despeço da escrita

¹⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aFWlwQSu-pA>>

com o peso no coração de não ter aprofundado na lesbianidade, uma identidade que é parte de mim. Que é tão forte, mas ainda tão pouco desenvolvida. Creio que dedicarei textos à lesbianidade num futuro próximo (mais uma promessa daquelas que eu demoro a cumprir). Entretanto, no momento, só tenho tempo pra revisar meus pensamentos e entregar o ensaio pra publicação na revista. E se você que lê quiser me encontrar pra conversar, provavelmente estou no CACS, fumando um e pensando no próximo projeto induzido por mania. Adeus e obrigada pela atenção.

Meu nome é Eco. Meus pronomes são ela/dela e, além de tudo, eu sou trans.

Referências Bibliográficas

ALEC Holowka. Die Anywhere Else. In: **Night in the Woods (Original Soundtrack, Vol. 1) [At the End of Everything]**. EUA: Alec Holowka, 2017. Disponível em: https://youtu.be/O_yyu-kqfBs?si=7OIibBQQoAsh8kUg.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

DAZEY and the Scouts. Sweet Cis Teen. In: **Maggots**. Boston: 16 Entertainment LLC, 2017. Disponível em: <https://youtu.be/ONuWmIqCYdI?si=SJ25YHFyXOsaIrV7>.

FBC. Madrugada Maldita. In: **O Amor, o Perdão e a Tecnologia Irão nos Levar para Outro Planeta**. Belo Horizonte: Sem Gravadora, 2023. Disponível em: <https://youtu.be/1e0IR90eAwg?si=Psm1vx6qO08NgSBA>.

FBC. Se eu não te contar. In: PADRIM. Belo Horizonte: Sem Gravadora, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wXNgZRrPlu8>.

FERNANDES, Paula. O relato autobiográfico e as relações parassociais: celebridades construídas para consumo?. In: **Intercom**, 2017, Curitiba - PR. Intercom - 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2017.

HURSTON, Zora Neale. Como eu me sinto uma pessoa de cor. **Ayé: Revista de Antropologia**, 2021.

HURSTON, Zora Neale. O lugar onde nasci. **Ayé: Revista de Antropologia**, 2021.

LORDE, Audre. Apontamentos de uma viagem à Rússia. In: LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019a. p. 15-43.

LORDE, Audre. **Zami: uma nova grafia do meu nome-uma biomitografia**. Editora Elefante, 2022.

MOURÃO, Victor Luiz Alves. O curso paralelo de Ciências Sociais da UFMG. **Revista Três Pontos**, 2008.

PEREIRA DA SILVA SARAIVA, R. A mulher negra como “Outro do Outro”: interseções entre gênero e raça em Grada Kilomba e Lélia Gonzalez. (Des)troços: revista de pensamento radical, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 78–90, 2022. DOI: 10.53981/destroos.v3i1.39026. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadestrococos/article/view/39026>. Acesso em: 30 maio. 2024.

SCHUCMAN, Lia. Entre o Encardido, o Branco e o Branquíssimo | Lia Vainer Schucman. Youtube, 2020. 1 vídeo (13 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aFWlwQSu-pA>. Acesso em 07 de março de 2024.

STRATHERN, Marilyn. [1986] Fora de contexto: as ficções persuasivas da antropologia. São Paulo: Terceiro Nome, 2013. 160 p.

THORN, Abigail. Identity: A Trans Coming Out Story | Philosophy Tube ★. Youtube, 2021. 1 vídeo (37 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AITRzvm0Xtg>. Acesso em 03 de março de 2024.

WALKER, Alice. À procura de Zora Neale Hurston. **Ayé: Revista de Antropologia**, 2021.